



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LETRAS**

**JAQUELINE AMBROSIO DA SILVA**

**AS VÁRIAS FACETAS DO SÍMBOLO DA LUA EM LUAS E LUAS, DE JAMES  
THURBER**

**GUARABIRA  
2017**

**JAQUELINE AMBROSIO DA SILVA**

**AS VÁRIAS FACETAS DO SÍMBOLO DA LUA EM LUAS E LUAS, DE JAMES  
THURBER**

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de licenciada em  
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.  
Área de concentração: Literatura, gênero e  
imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA  
2017**

S586 Silva, Jaqueline Ambrosio da.  
As várias facetas do símbolo da lua em Luas e Luas, de James Thurber [manuscrito] : / Jaqueline Ambrosio da Silva. - 2017.  
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Departamento de Letras - CH."

1. Imaginário. 2. Simbologia. 3. Luas e Luas.

21. ed. CDD 860

JAQUELINE AMBROSIO DA SILVA

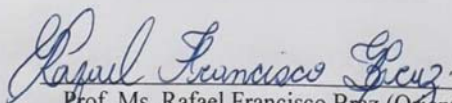
AS VÁRIAS FACETAS DO SÍMBOLO DA LUA EM LUAS E LUAS, DE JAMES  
THURBER

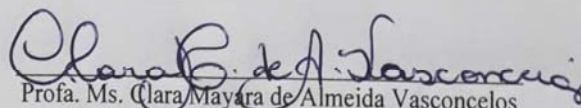
Artigo, apresentada ao curso de  
Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito à  
obtenção do título de licenciada em  
Letras Habilitação em Língua  
Portuguesa.

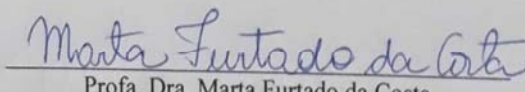
Área de concentração: Literatura,  
Gênero e Imaginário

Aprovada em: 04 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Marta Furtado da Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho, em especial a minha amada irmã Juciane Ambrósio que Deus a me deu em forma de força para me ajudar a enfrentar todas as batalhas da vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu Deus por ter me concedido a realização desse sonho de infância, por ter me protegido e, principalmente, pela força e firmeza para ultrapassar mais esse desafio em minha vida. Ao fim desse percurso sinto-me tremendamente orgulhosa de mim mesma, por ter enfrentado coisas que até eu duvidava, e isso só me faz ver que deus sempre esteve ao meu lado.

Agradeço aos meus pais que mesmo sem estudos, sempre me impulsionaram a ingressar na universidade, não me queriam médica, mas uma profissional feliz e aqui estou, feliz duas vezes, primeiro por ter concluído minha graduação e segundo por realizar um sonho meu.

As minhas irmãs Jucimara Ambrósio e Juciane Ambrósio, meu cunhado Levi, pois sempre me apoiaram e acreditaram profundamente nesse sonho e a toda minha família de modo geral, por serem e fazerem parte de minha vida. Não poderia esquecer dos meus companheiros de luta, que tanto me ensinaram, com palavras, atitudes e gestos, Murilo e Rogério.

Agradeço, também, ao meu Mestre e orientador Rafael Francisco Braz, que chegou na minha vida no último período do curso mas que fez grande diferença em minha bagagem e minha vida, aquele que sempre colocava a todos pra cima com suas inesquecíveis gargalhadas. E que entre tantos outros levarei no meu coração. Aos colegas de turma pela amizade e pelo companheirismo, em especial as amigas Roberta Dias, Vanuza Pacífico e Kelly Kris que me serviram de apoio durante o curso, e ao namorado Aragão Avelino por me fazer tão bem e por sempre me incitar a buscar sempre o melhor.

Ao fim dessa jornada tenho tantas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que tudo fosse possível, uns perto outros longe, uns se foram outros ainda permanecem, os agradeço de todo o coração mesmo sem listar nomes. Entrei na universidade ainda menina e reconheço que já não sou mais a mesma menina de antes, pois mesmo sem perceber se passaram cinco anos, de estudos, empenho e dedicação que de toda forma foram necessários para tudo que me tornei.

Minha eterna gratidão a todos que juntamente comigo acreditaram em mim.

“[...] A lua deve ter exatamente o tamanho e a distância que cada um acha que tem.”

*Luas e luas –James Thurber.*

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	10
2	A IMAGEM POÉTICA .....	12
2.1	O PAPEL DO SIMBOLO .....	13
3	O SÍMBOLO DA LUA EM “LUAS E LUAS” .....	15
4	O FEMININO E A LUA .....	19
5	CONCLUSÃO .....	21
	REFERÊNCIAS .....	22



## AS VÁRIAS FACETAS DO SÍMBOLO DA LUA EM LUAS E LUAS, DE JAMES THURBER

Jaqueline Ambrosio da Silva\*

### RESUMO

A expressão simbólica demonstra o esforço do homem em suas várias épocas, na tentativa de decifrar um destino ainda indecifrável. Os símbolos constituem o cerne da vida imaginária e é através deles que segredos do inconsciente são revelados e o espírito é aberto para o desconhecido e o infinito. De maneira perceptível ou não, deve-se reconhecer que um mundo simbólico existe em nós. Utilizamos os símbolos, cotidianamente, sejam em nossa linguagem, gestos ou sonhos. Nos objetivo nesta pesquisa é analisar a imagem simbólica da Lua no texto infante juvenil *Luas e Luas* (2010) de James Thurber. Nossa fundamentação teórica baseia-se em Bachelard (2008) Chevalier e Gheerbrant, (2009) e Qualls-Corbett (1988). A análise nos mostra que em *Luas e luas* faz uma transgressão de sentidos e autonomia do ser, passamos então a enxergar as imagens de outras formas. Em sua obra Thurber dá enorme ênfase ao imaginário, deste modo percebe-se a voz do subjetivo em todas as passagens dos personagens: Bobo das corte e a pequena Letícia. Por meio da fenomenologia que transborda a imagem pode-se chegar a tais considerações a respeito da lua na obra.

**Palavras-chave:** Luas e luas. Imaginário. Simbologia.

### 1 INTRODUÇÃO

É necessário ver o quão importante é a nossa passagem de crenças, mitos, superstições e uso da simbologia da antiguidade para os tempos modernos. O uso do símbolo está mais presente do que imaginamos, é através deles que o homem consegue explicar, dar sentido e significação as coisas, isso desde épocas passadas.

É, basicamente, na concepção de representação ou recriação da realidade que os autores tentam de maneira objetiva ou subjetiva descrever fatos reais ou fictícios. A ficção ao contrário do real, tenta mostrar o que é invisível aos olhos no mundo visível. Nesse espaço de real e irreal, a imaginação já não é vista com desprezo, sendo ela considerada igualitária à razão, inspiradora das descobertas e do progresso, essa aceitação em grande parte, deve-se as antecipações da ficção que a ciência comprova pouco a pouco.

A imaginação faz com que o homem se desprenda das definições dadas pelo mundo exterior e não conceber a imagem como algo simples, inanimada e sem essência própria. A

---

\* Aluna de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: [ambrosiokelly25@gmail.com](mailto:ambrosiokelly25@gmail.com)

imaginação não só tem o poder de quebrar paradigmas providos da percepção, como também, deformar as formulações pragmáticas.

A expressão simbólica demonstra o esforço do homem em suas várias épocas, na tentativa de decifrar um destino ainda indecifrável. Os símbolos constituem o cerne da vida imaginária e é através deles que segredos do inconsciente são revelados e o espírito é aberto para o desconhecido e o infinito. De maneira perceptível ou não, deve-se reconhecer que um mundo simbólico existe em nós. Utilizamos os símbolos, cotidianamente, sejam em nossa linguagem, gestos ou sonhos.

O símbolo tem a propriedade de condensação, ou seja, é capaz de dar entendimento ao inconsciente, ao subjetivo, instintivo e espiritual humano. Ele é uma forma de representação, embora não só represente, ele tem o extraordinário caráter de unir influências conscientes e inconscientes. Muito do que somos está enraizado nas estruturas da imaginação humana, isto difere conforme os homens e as sociedades no momento em que se encontra.

Nesta tentativa de representar o irreal na obra *Luas e luas* de James Thurber é que propomos uma busca pela imagem simbólica da lua na obra *Luas e luas*, do escritor americano James Thurber, bem como as questões do invisível aos olhos, anulando o olhar apenas pela visão. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar a imagem simbólica da lua na obra *Luas e luas* do autor James Thurber. A partir de um estudo analítico na referida obra onde foi interpretada a imagem do símbolo pelo viés fenomenológico.

O trabalho está dividido em quatro partes, sendo o primeiro a referir-se sobre a imagem poética, em segundo o papel do símbolo, terceiro a lua e o feminino e em quarto e último a análise dos aspectos simbólicos da lua na obra *luas e luas* de James Thurber.

Na narrativa apresenta o uso do real e do irreal em torno das personagens Leticia, Bobo da Corte, Rei e os sábios. Para nos referirmos à imaginação a simbologia e a função poética foi utilizado como aporte teórico Jean Chevalier e Alain Geerbrant (2009), Gaston Bachelard (2008).

O autor, James Grover Thurber, nasceu em 1894 e morreu aos 67 anos em 1961. Foi escritor, humorista, cartunista, jornalista e dramaturgo, Thurber era mais conhecido por seus desenhos animados e contos.

Durante 30 anos, escreveu textos de humor e publicou seus cartuns, isto é desenhos engraçados na revista *New Yorker*. Em meio a muitos trabalhos seus está *Many moons*, em inglês. "*Luas e Luas*" foi Traduzido para o português pela Editora Ática com tradução de Dinah Abreu Azevedo. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1943.

Era um livro, consideravelmente longo, ilustrado com outros desenhos, após a morte de Thurber, como uma homenagem, sua filha Rosemary resolveu reescrever a história, encurtando-a e com a ajuda de um amigo do seu pai o também americano Marc Simont fizeram novas ilustrações, Luas e Luas é uma história cheia de graça humor e ao mesmo tempo doçura.

A história descrita em Luas e Luas, não é apenas a vida de uma menina de dez anos, que se encontra frente a um desejo qualquer, mas um desejo que vem de dentro e que a partir de uma visão mais apurada esse desejo é visto não tão distante como muitos o veem.

Tudo começa quando em um reino à beira mar a princesinha Letícia adoece e é examinada, logo, o rei é chamado, chegando até a princesinha o pai lhe diz dar tudo que o coração dela quiser, para vê-la bem.

Então começa a busca pela lua que é o desejo da menina para ficar boa novamente. O Rei pede aos sábios para que a consigam. Sendo que cada um diz que a lua está fora de questão, por estar longe e ser impossível pegá-la.

Quase sem perspectiva de conseguir realizar o desejo da pequena, resolve chamar o bobo da corte, que em seguida faz um estudo a cerca deste desejo mais reflexivo, dizendo ele que todos são sábios e devem estar certos. “Se todos estão certos, então a lua deve ter, exatamente, o tamanho e a distância que cada um acha que tem.”. (THURBER,2010,SN). Então se desenrola a história e o questionamento do bobo da corte faz despertar a imaginação da princesinha e do público leitor.

## 2 A IMAGEM POÉTICA

Para entender a imagem poética vale salientar que a experiência que se tem antecipadamente construída não é considerada um apoio seguro, pois o que vale é o momento, o instante da imagem como destaca Bachelard (2008, p., 01) “*A imagem poética é um súbito realce do psiquismo, realce mal estudado em causalidades psicológicas subalternas.*”.

A imagem, como percebida, é uma espécie de súbito realce que não tem passado próximo. A sua linguagem não é explícita, o que há, na realidade, é uma linguagem simbólica que trabalha fortemente o campo conotativo e, com isso, detém novos significados para os significantes propostos. Nesse sentido, são os leitores que atribuem um sentido à linguagem perpassada no poema.

Em sua simplicidade a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem criança [...] A imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco a cima da linguagem significante. (BACHELARD, 2008, p.04, 11)

A imagem é vista e/ou considerada em sua expressão uma linguagem criança, pois carrega liberdade de qualquer definição concreta, mas que de qualquer forma trás consigo uma verdade e é, a partir dessa imagem, que nós leitores temos nossa visão diante das descrições realizadas pelo autor.

Para o pensamento do fenomenologista Gaston Bachelard (2008) a imagem está sempre um pouco acima da linguagem significativa construindo uma diversificação de sentidos, dando sempre origem a novos significados. A novidade essencial da imagem poética coloca o problema da criatividade do ser falante. Por essa criatividade, a consciência imaginante se revela, muito simplesmente, mas muito puramente, como uma origem.

Ao recebermos uma nova imagem poética sentimos seu valor adentrar-se no íntimo, na intersubjetividade humana. Diante da noção Bachelardiana (2008), a imagem poética é de toda e qualquer forma uma maneira de reconfigurar o mundo de recriar uma nova imagem, um recomeço, um mundo novo, desprendida de conceito a imagem referida tem efeito variacional, ou seja, divergi da imagem normal.

É relevante perceber que através da imagem, é que se consegue de maneira significativa ler a linguagem poética, ainda que o leitor não compreenda com exatidão o que o poeta pensou no momento da composição de sua obra o mais relevante é a sensação causada no leitor diante de um mergulho no seu inconsciente.

## **2.1 O papel do símbolo**

O símbolo escapa a toda e qualquer definição. É próprio de sua natureza romper os limites estabelecidos e reunir os extremos em uma só visão. Sendo assim, o símbolo não tem o papel de substituir qualquer sentido, mas contem em si diversas interpretações, o símbolo busca explicar aquilo que não é conhecido, aquilo que é culto para o homem, trabalha o imaginário e o inconsciente, conforme Chevalier e Gheerbrant (2009).

Os símbolos estão no centro, constituem o cerne dessa vida imaginativa. Revelam os segredos do inconsciente, conduzem às mais recônditas molas da ação, abrem o espírito para o desconhecido e o infinito. Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos ou nossos sonhos, quer percebamos isso ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. [...] Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, XII)

Ao falar de vida imaginativa deve-se consideravelmente concluir que o símbolo é parte integrante da imaginação. A partir dos simbólicos, passamos a interpretar o subjetivo, o

inconsciente, abrindo espaço para o que ainda nos é desconhecido, mas levando em consideração que a concepção de símbolo é muito pessoal, intimamente individual, e é exatamente como reflete Chevalier e Gheerbrant (2009) acerca do símbolo.

Pois a percepção do símbolo é eminentemente pessoal, não apenas no sentido em que varia de acordo com cada indivíduo, mas também no sentido de que procede da pessoa como um todo. Ora, cada pessoa é, a um só tempo, conquista e dádiva; ela participa da herança biofisiopsicológica de uma humanidade mil vezes milenar; é influenciada por diferenciações culturais e sociais próprias a seu meio imediato de desenvolvimento e, a tudo isso, acrescenta os frutos de uma experiência única e as ansiedades da situação que vive no momento. [...] Os temas imaginários, aqueles que eu chamaria de desenho ou a figura do símbolo ( o leão, o touro, a lua, o tambor etc.), podem ser universais, intemporais, enraizados nas estruturas da imaginação humana; mas o sentido de cada um deles também pode ser muito diferente, conforme os homens e as sociedades e conforme sua situação em um dado momento. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, XIV- XV)

Em relação a essa particularidade, podemos dizer que o uso da simbologia está mais para o lado de dar outra significação, sair do sentido usual. O pensamento simbólico, segundo nos parece, ao inverso do pensamento científico procede não pela redução do múltiplo ao uno, mas sim pela desintegração do uno em múltiplo. (CHEVALIER, 2009, p., XV). Como vemos, o pensamento simbólico diferentemente do pensamento científico faz com que o ser vá muito mais além do que a razão pode levar.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), as palavras são indispensáveis para sugerir o sentido ou os sentidos de um símbolo, mas lembremo-nos sempre de que elas são incapazes de expressar-lhe todo o valor. Diante desse entendimento vemos o quanto o símbolo está acima de um sentido só, sujeito a inúmeros outros, e que de modo algum seu entendimento está intrínseco em uma única palavra. O símbolo supõe uma ruptura de plano, uma descontinuidade, uma passagem a uma outra ordem; introduz a uma ordem nova, de múltiplas dimensões. (CHEVALIER E GEERBRANT, 2009, p., XVIII).

Nessa linha de pensamento, é na ultrapassagem do conhecido em direção ao desconhecido, do expresso em direção ao inefável, que se afirma o valor do símbolo. (CHEVALIER, 2009, p., XXII). Diante dessa consideração o símbolo só é considerado símbolo porque é algo que ultrapassa entendimentos intelectuais. Na percepção simbólica é próprio dele manter-se sugestivo.

Nele cada um vê aquilo que a sua potência visual lhe permite conceber. Faltando intuição, nada de profundo é percebido[...] Pode-se dizer também, que o símbolo ultrapassa as medidas da razão pura, sem por isso cair no absurdo. Não surge como o fruto maduro de uma conclusão lógica ao cabo de uma argumentação sem falhas. A análise que fragmenta e pulveriza é impotente para captar a riqueza do símbolo. (CHEVALIER e GHEERBRANT , 2009, p., XXIII-XXIV)

Diante dessa simultaneidade de sentidos que os símbolos revelam, fica evidente que apenas através da intuição é que a imagem ultrapassa o que a visão é capaz de lhe permitir, porém apesar dessa vastidão de sentidos não chega a cair no absurdo. O símbolo diz muito em relação ao homem, é através dele que as experiências humanas são condensadas: A religiosa, a cósmica, a social, e a psíquica. Graças ao símbolo, que o situa numa imensa rede de relações, o homem não se sente um estranho no universo. (CHEVALIER, 2009,p., XXVIII), para tanto é inegável que o símbolo produz uma ponte de comunicação profunda entre o meio pelo qual o ser humano vive e ele próprio.

O símbolo exprime de forma consciente aquilo que o está interiorizado. Utilizamos constantemente termos simbólicos para representar conceitos que fogem de nosso raciocínio, mas sem podermos defini-los e compreendê-los totalmente. Os símbolos atam o homem ao mundo, nesse sentido, a retirada dos símbolos do homem o tornaria um estranho no universo.

### **3 O SIMBOLO DA LUA EM “LUAS E LUAS”**

A história “Luas e luas” de James Thurber (2010) é narrada em terceira pessoa e relata um breve momento da vida de Leticia, o conto nos direciona para um campo semântico ligado as diversas significações, fazendo-nos refletir que na obra objeto desta análise, o autor faz uma comparação dual sobre a imagem da lua. Em primeiro lugar, à ótica do Rei e os sábios no sentido concreto, já num segundo momento, a visão da princesinha Leticia e o bobo da corte no sentido abstrato.

A narrativa começa quando uma princesa em tempos de Era uma vez, fica doente de tanto comer torta de framboesa. E que a partir desse acontecimento a menina cria um desejo de ter a lua pra si. O Rei preocupado com a situação da princesa, diz realizar tudo que o coração da menina desejar.

—Eu lhe dou tudo o que seu coração quiser—disse o rei.

—Seu coração quer alguma coisa?

—Sim—disse a princesa.

—Quero a lua. Só fico boa de novo quando tiver a lua. (THURBER, 2010, s/n)

Diante da colocação da garota na conversa com seu pai vemos a capacidade dele de realizar qualquer coisa, quer dizer não dele, mas na credibilidade posta sobre seus sábios, pois o Rei acreditava que assim como todos os desejos antes realizados pelos sábios de sua corte, a lua não seria difícil de conseguir.

- Disse o senhor Camareiro-Mor. -- Mas a lua está fora de questão. Fica a 55 000 quilômetros daqui e é maior que o quarto da princesa. Além disso, é feita de cobre derretido. Depois de se recusar a conseguir a lua, o rei chamou o Feiticeiro Real que

explicou -- Ninguém pode conseguir a lua. Ela fica a 250 000 quilômetros de distancia, é feita de queijo verde e é duas vezes maior que este palácio. na terceira tentativa o rei convocou o Matemático Real, que na mesma intensidade dos sábios anteriores comentou -- A lua fica a 500 000 quilômetros de distância. É redonda e chata que nem moeda, feita de amianto e tem metade do tamanho deste reino. Além disso está colada no céu. Ninguém pode conseguir a lua. (THURBER, 2010, s/n)

Os sábios do reino haviam realizado muitos pedidos até o momento, porém conseguir a lua seria impraticável. Neste trecho, vemos a diferença no entendimento dos sábios referente ao satélite lunar. A impossibilidade de consegui-la se instala pelo fato de a lua apresentar um tamanho e uma distância diferente para cada um deles.

Um sentimento de angustia recai sobre o Rei, primeiro por não realizar o desejo da pequena e segundo por não vê-la sarada novamente, pois ela havia deixado claro que só voltava a ficar boa quando tivesse o seu desejo realizado. Após as declarações negativas dos sábios o Rei resolve chamar o Bobo da corte, para que tocasse algo triste em seu alaúde para acompanhar o momento de tristeza.

Na convicção do Rei se os sábios com tanta inteligência não poderiam conseguir a lua ninguém mais poderia ajudá-lo, e perante as respostas deles o Rei acreditava não existir mais solução para seu problema. Mas não imaginava ele que mesmo mostrando-se tão simples o Bobo poderia sim conseguir resolver aquele impasse que houvera se instaurado.

—São todos sábios—disse ele—e todos devem estar certos. Se todos estão certos, então a lua deve ter exatamente o tamanho e a distância que cada um acha que tem. A questão é descobrir de que tamanho a princesa Leticia acha que ela é, e a que distância se encontra. (THURBER, 2010, s/n)

Para a surpresa do Rei, o Bobo diferentemente dos sábios não especificou a distância nem o tamanho da lua, pois na visão dele assim como todos palpitararam e deram suas justificativas para o desejo “impossível” da menina, Leticia, também, deveria dizer o seu achar, e se dirigiu ao quarto da princesa, para lhe questionar a distância, o tamanho e de que era feita a lua.

A princesa Leticia estava acordada, e ficou contente ao ver o bobo da corte, mas seu rosto estava muito pálido e sua voz muito fraca.

—Você trouxe a lua para mim? —perguntou ela.

—Ainda não—mas vou consegui-la agora mesmo. De que tamanho você acha que ela é? —É só um pouquinho menor que a unha do meu dedão —disse ela—porque, quando a coloco na frente da lua, ela a cobre direitinho.

—E a que distância ela está? —perguntou o Bobo da corte.

—Ela não fica mais longe que a árvore grande do lado de fora de janela—disse a princesa—porque às vezes ela fica presa nos galhos mais altos.

—vai ser fácilimo pegar a lua para você —disse o Bobo da corte.—Vou subir na árvore esta noite, quando ela estiver presa nos galhos mais altos , e pegá-la pra você.

Então ele se lembrou de mais uma coisa.

—A lua é feita de que, princesa? —perguntou ele.

—Oh!—disse ela.

–De ouro, é claro seu bobinho. (THURBER, 2010, s/n)

A história gira em torno de dois conflitos referente ao simbólico da lua, no entanto, esse fato se justifica à medida que a história vai sendo narrada, pois se verifica que cada personagem tem uma visão particular da lua. No símbolo um só significante induz-nos ao conhecimento de mais de um significado; ou, para simplificar, o significado é mais abundante do que o significante. (CHEVALIER;GEEBRANT, *apud* TZVETAN TODOV, 2009, p., XXIV

Deste modo, faz necessário uma distinção dessas visões, de um lado a concepção dos sábios. “Mas a lua esta fora de questão. Fica a 55 000 quilômetros daqui, disse o Camareiro-Mor[...]Ninguém pode conseguir a lua, ela fica a 2500 000 quilômetros de distância disse o Feiticeiro Real[...]A lua fica a 500 000 quilômetros de distância, além disso, está colada no céu, disse o Matemático Real”. (THURBER, 2010, s/n)

Em uma outra perspectiva estava a visão da menina sobre o seu desejo Thurber (2010, s/n) . “A lua é só um pouquinho menor que a unha do meu dedão, e não fica mais longe que a árvore grande do lado de fora da minha janela”

A partir dessas distinções já percebemos que o desejo da menina ultrapassa os entendimentos dos sábios. Como confirma Chevalier e Geerbrant (2009) que o símbolo é, portanto, muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição, ou seja, a menina enxerga na lua além do real, algo que julga não tão longe nem tão grande. No entanto, podemos dizer que o símbolo da lua ultrapassa na obra entendimentos e concepções e que a mesma não está intimamente ligada a uma só palavra. Para isso demonstra-se o quadro.

Pensamento e conhecimento pronto dos sábios	Imaginação da menina Leticia/ Bobo da Corte
Razao Consciente	Imaginação Inconsciente

A lua na obra se apresenta como protagonista de um impasse: A menina quer a lua e cria, neste momento, uma ponte entre o real e o imaginário.

Segundo a definição trazida pelo simbologista Chevalier e Geerbrant (2009, p., 561-562), em relação à lua, encontra-se a seguinte colocação: *A lua é o símbolo de transformação e*



*de conhecimento bem como do conhecimento indireto, discursivo, progressivo, frio e como não é mais que um reflexo da luz do sol, a lua é apenas o símbolo do conhecimento por reflexo, isto é, do conhecimento teórico, conceptual, racional.* No entanto a menina conceitua a lua e usa da razão, pelo seu conhecimento e experiência, assim como os sábios também o fazem.

O símbolo da lua é o representante de uma verdade desconhecida. Surge espontaneamente das profundezas do inconsciente e expressa ou manifesta o fato escondido numa imagem cujo significado pode ser compreendido só parcialmente pela consciência. Nunca podemos dizer de um símbolo “isto é isto”, ou “aquilo é aquilo”, traduzindo cada fator em termos equivalentes conhecidos, pois as criações simbólicas do inconsciente contêm camadas sobre camadas de significados que não podem ser esgotadas em uma palavra. (QUALLS-CORBETT, 1988, p., 101-102)

Nessa possibilidade de o símbolo nunca ser definido como “isto é isto” ou “aquilo é aquilo”, vemos no decorrer da história exatamente essa mutação de sentidos e uma multiplicidade de entendimentos em relação ao simbolismo da lua. De certa forma, a menina conceitua espontaneamente a lua pela sua visão e quanto ao tamanho e a distância ela compreende conforme seu conhecimento e devido a sua própria experiência, “É só um pouquinho menor que a unha do meu dedão, porque, quando a coloco na frente da lua, ela cabe direitinho.[...]Ela não fica mais longe que a árvore grande do lado de fora da minha janela, porque às vezes ela fica presa nos galhos mais altos.” (THURBER, 2010, s/n)

A menina construiu seu conhecimento com base na sua observação, quando inocentemente diz que a lua é menor que a unha de seu dedo, pois em sua experiência de colocar o dedo em frente à lua ela tinha essa percepção. O símbolo exprime o mundo percebido e vivido tal como o sujeito o experimenta, não em função de razão crítica e no nível de sua consciência, mas em função de todo o seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível de seu inconsciente.

Mesmo que de modo imperceptível, a menina ao fazer o pedido já tinha conhecimentos sobre o seu desejo, mas que sozinha ou com a ajuda dos sábios que o Rei julgava tão sábios não seria possível, pois a cada tentativa de resolução dos problemas eles complicavam mais. Compreendemos então que havia a necessidade de alguém enxergar aquilo o que a menina enxergava e que os sábios insistiam em não ver ou não terem a vontade de buscar alternativas pra concretização do desejo da princesa. Porém com o auxílio do Bobo da corte, a menina pôde ter de modo representativo o desejo realizado.

Ao perceber que o desejo da menina não era tão “impossível”, distante, e grande assim como diziam os sábios, o Bobo manda um Joalheiro Real forjar uma pequenina lua em ouro e pendurá-la em uma corrente de ouro.

Neste momento da narrativa, o que se prefigura como elemento que faz o percurso entre real e imaginário é o símbolo, no caso, a representação simbólica da lua na corrente que o Bobo manda forjar e que evoca a imagem concreta do astro Lua. “A expressão simbólica traduz o esforço do homem para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam”. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, p., XII). Com base neste pensamento e por necessidade de exteriorizar os sentidos encontramos nos símbolos uma forma de representar, sintetizar tudo o que se passava em meio ao universo. E este fato não difere do desejo da princesa Letícia.

Nessa perspectiva, o Rei não tinha a compreensão de que o desejo de sua filha quando pediu a lua pequena, de ouro em um cordão, ela estava imitando, representando e sintetizando ultrapassando assim sentido o real que se apresentava.

Em suas falas no decorrer da narrativa a garotinha acaba surpreendendo o Bobo, onde ela faz uma dissociação real/imaginário, mostrando-se sábia, sensível e reflexiva. E que passa a ser vista não apenas como uma garotinha de dez anos, quase onze, mas que apesar da pouca idade já sente a necessidade de representar o mundo que está ao seu redor.

Como descreve Jung, é por inúmeras coisas se situarem para além dos limites do conhecimento humano, que utilizamos constantemente termos simbólicos para representar conceitos que não podemos definir nem compreender por completo, pois na história o real se prefigura no satélite lunar, enquanto o personagem Bobo da corte faz uso de uma corrente com uma luazinha de ouro para representar e conseguir que a princesa volte a seu estado normal.

#### **4 O Feminino e a Lua**

Atualmente, podemos até nos distanciar ou até mesmo desconsiderar os efeitos lunares sobre o feminino, mas vale destacar que ainda prevalece uma boa parte das convicções advindas de tempos de outrora. Os povos primitivos consideram as mulheres da mesma natureza que a lua, levando em conta a tendência de mutação, a semelhança na durabilidade de seus ciclos e a relação entre as palavras lua e menstruação em várias línguas. Fato que evidencia a estreita conexão existente entre as duas e as fases da Lua caracterizam, no entanto, os aspectos da natureza feminina, assim como representam os estágios e as transformações na vida da mulher.

A lua é um símbolo dos ritmos biológicos: Astro que cresce, decresce e desaparece, cuja vida depende da lei universal do vir-a-ser, do nascimento e da morte... a lua conhece uma história patética, semelhante a do homem... mas sua morte nunca é definitiva... este eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim fazem com que a lua seja por excelência o astro dos ritmos da vida... ela controla

todos os planos cosmos regidos pela lei do vir-a-ser cíclico: águas, chuvas, vegetação, fertilidade. (CHEVALIER; GEERBRANT, 2009, p., 581)

Com base nas mutações ou fases lunares, percebe-se de fato a conexão, do simbolismo lunar sobre a mulher e, assim, como os ciclos femininos que mensalmente voltam a seu estado, a lua também faz esse ingresso e reingresso mensalmente. Os primitivos acreditavam que a fase crescente da lua representava para eles o aspecto produtivo do poder celestial, mas esse período de aumento em força é de pouca duração.

O poder da lua é gasto logo se começa um período de declínio que no caso é considerada a fase da lua minguante, esta fase representava para eles os poderes da destruição e da morte e, diante disso, “todas as coisas minguam e são reduzidas”. como afirma Qualls-Corbett (1988).

Os homens antigos e o primitivos representavam a lua como o visível do feminino. A lua valia como um símbolo da verdadeira essência da mulher. Desde muito tempo, o homem diviniza as forças da natureza e consideram uma conexão inegável entre a mulher e o corpo celeste lunar.

Além de necessária e essencial a lua é concebida, também, como uma força produtiva, através da lua as sementes germinam, e toda a natureza evolui, sua influência vai além, pois ela também tem poder sobre a sucessão dos animais, e as mulheres quanto aos seus filhos. Para eles a lua é o tem o poder fertilizador.

Existem tribos onde a lua é, frequentemente, chamada o senhor das mulheres, por além de ser a responsável pela gravidez, cuidar das crianças na hora do parto e proteger as mulheres em todas as suas atividades especiais. Devido a essa conexão e proteção direta do astro lunar, é que se tem a crença de que somente a mulher tem o poder de fazer as coisas crescerem.

Em geral, acredita-se que só as mulheres podem fazer as coisas crescerem, porque somente elas estão sob a proteção direta da lua, cujo poder de fazer as coisas crescerem e aumentarem lhes é delegado em certa medida. Os povos primitivos consideram as mulheres da mesma natureza que a lua, levando em conta a sua tendência de “intumescer-se” como a lua, e seu ciclo mensal que é da mesma durabilidade que o da lua. (QUALLS-CORBETT, 1988, p.,51-52)

Nestas tribos primitivas, em sua grande maioria, a lua é chamada de senhora-das-mulheres por duas razões, a primeira por ser considerada como fonte de habilidade da mulher em gerar crianças e segundo por ser protetora e guardiã das mulheres em todas as suas atividades especiais. As mesmas são encarregadas de todos os assuntos referentes ao suprimento de alimentos, plantar, cultivar e colher, pela procura e preparo das comidas também, exceto a caça e o abatimento da presa.

Já na obra objeto desta análise *Luas e luas* de James Thurber, a lua se prefigura não como protetora e guardiã como vista pelos primitivos e homens antigos como afirma Qualls-Corbett (1988), mas como fonte de discussão e a partir da obra passa a ser vista de várias formas diferindo assim de personagem para personagem.

## 5 CONCLUSÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, foi desenvolvida uma análise bibliográfica da obra *Luas e luas*, do autor americano James Thurber. A abordagem feita parte de uma reflexão a cerca da concepção que os personagens: Camareiro-Mor, Feiticeiro Real, Matemático Real, Bobo da corte e a Princesa Leticia tem sobre o astro lunar. Logo, a pesquisa intitulada “*As várias facetas do símbolo da lua em Luas e luas, de James Thurber*”, apresentou um estudo feito com base no conceito de imagem e do símbolo e de um percurso sobre a história do imaginário das personagens.

Diante do exposto, a pertinência e a relevância da pesquisa estão presentes em sua temática, o conto *Luas e luas* do autor americano James Thurber, pois é uma obra bastante inovadora e faz o leitor refletir no decorrer da história e refletir também em suas práticas de observação quanto ao que ele vê somente no exposto e o que se esconde por trás do não visível.

A história demonstra uma enorme dinamicidade que primeiro mostrou a menina querendo realizar um desejo que na visão dela não era impossível de torna-lo concreto e com a ajuda do Bobo da corte conseguiu aquilo que tanto as outras personagens viam dificuldades.

Desta forma, o autor James Thurber, usou de sua criatividade e deu vida a seus personagens para provocar o nosso imaginário, de um lado a visão externa como foi observado nos sábios, e do outro o Bobo da corte e a princesinha Leticia que usaram de sua inteligência e conhecimentos de mundo e proporcionaram por meio de suas falas um olhar mais crítico diante das coisas que se encontram ao nosso redor.

Sendo assim, finalizamos esta pesquisa que é uma história do despertar humano, no qual os elementos da imaginação frente a razão dá espaço ao inconsciente e nos faz considerar que o uso das palavras não estão enraizadas apenas por meio de um único significado, mas rodeado de significações, em sua obra Thurber dá enorme ênfase ao imaginário mítico e fantástico.

*Luas e luas* faz uma transgressão de sentidos e autonomia do ser, passamos então a enxergar as imagens de outras formas. Em sua obra Thurber dá enorme ênfase ao imaginário, deste modo percebe-se a voz do subjetivo em todas as passagens dos personagens: Bobo das

corte e a pequena Letícia. Por meio da fenomenologia que transborda a imagem pode-se chegar a tais considerações a respeito da lua na obra.

Portanto, Concluimos nesta pesquisa que a obra *Luas e luas*, de James Thurber que a imaginação frente à razão dá espaço ao inconsciente e nos faz refletir que o uso das palavras pelo viés fenomenológico não estão enraizadas apenas por meio de um único significado.

## RESUMEN

La expresión simbólica demuestra el esfuerzo del hombre en sus diversas épocas, en el intento de descifrar un destino aún indescifra. Los símbolos constituyen el núcleo de la vida imaginaria y es a través de ellos que secretos del inconsciente son revelados y el espíritu es abierto a lo desconocido y al infinito. De manera perceptible o no, hay que reconocer que un mundo simbólico existe en nosotros. (...) En los objetivos en esta investigación es analizar la imagen simbólica de la Luna en el texto infanto juvenil *Luas y Luas* (2010) de James Thurber. Nuestra fundamentación teórica se basa en Bachelard (2008) Chevalier y Gheerbrant, (2009) y Qualls-Corbett (1988). El análisis nos muestra que en *Luas y lunas* hace una transgresión de sentidos y autonomía del ser, pasamos entonces a ver las imágenes de otras formas. En su obra Thurber da un enorme énfasis al imaginario, de este modo se percibe la voz del subjetivo en todos los pasajes de los personajes: Bobo de las corte y la pequeña Letícia. Por medio de la fenomenología que desborda la imagen se puede llegar a tales consideraciones acerca de la luna en la obra.

**Palabras clave:** Lunas y lunas. Imaginario. Simbología.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes: 2008, p., 1-51.
- CILOT, Juan - Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta Sagrada: a face eterna do Feminino**. Rio de Janeiro Paulus, 1998.
- THURBER, James. **Luas e luas**. São Paulo: Ática, 2010.